

# **RELATO DE PESQUISA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA: A TRÍADE BRINCAR, CANTAR, CONTAR EM SALAS DE AULA COM CRIANÇAS CEGAS.**

Autor: Francisca Katarina Medeiros de Oliveira  
Orientadora: Profa. Dra. Luzia Guacira dos Santos Silva

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE – UFRN, ce\_kat@hotmail.com  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE – UFRN, luzcirasantos@hotmail.com

**Resumo:** O trabalho em apreço visa apresentar resultados iniciais do Plano de Trabalho de Iniciação Científica intitulado: A tríade **brincar, cantar, contar em salas de aula com crianças cegas**, vinculado à pesquisa “Brincar, Cantar e Contar: por uma escola para e com tod@s!”, cujo objetivo geral é o de contribuir para com a formação inicial e continuada de professores que atuarão/atuem na educação infantil às séries iniciais da educação básica, com crianças com deficiência visual, em articulação com a tríade: brincar, cantar e contar. Constitui-se numa investigação qualitativa (CHIZZOTTI, 2010; LÜDKE e ANDRÉ, 1986) que articula o ensino, a pesquisa e a extensão. A construção dos dados ocorre via aplicação de entrevista semiestruturada, orientada por um roteiro comum, aplicada a professores do ensino infantil e anos iniciais, que tem em suas salas de aula alunos cegos e/ou com baixa visão. A análise dos dados aqui apresentados referente à Educação Infantil, considera os pressupostos da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2009). Tais dados indicam que, apesar dos professores colaboradores da pesquisa já trabalharem em sala de aula com alunos cegos ou baixa visão, ainda se faz necessário a apropriação de conhecimentos específicos e de práticas inclusivas do brincar cantar e contar, evitando a ausência dos alunos referidos das atividades propostas dessa tríade em sala de aula e fora dela.

**Palavras-chaves:** Educação Inclusiva, Deficiência visual, Brincar, Cantar, Contar.

## **1. Introdução**

O princípio que rege uma escola para todos - a escola inclusiva - é o de que todos devem aprender juntos, sempre que possível, levando-se em consideração as dificuldades e diferenças, em classes heterogêneas, com alunos da mesma faixa etária.

É reconhecido que historicamente, a pessoa com deficiência teve sua vida marcada pelo extermínio e segregação. Há bem pouco tempo, em meados do século XX, que os princípios de uma escola e sociedade inclusivas vem trazendo-a à vivência da cidadania e da luta pelo reconhecimento de seus direitos. A elas, também o direito de estar estudando em uma escola que não estimula a separação de sujeitos devido suas necessidades educacionais especiais em decorrência de sua condição de deficiência, condição social, econômica ou por sua crença religiosa, gênero ou etnia, mas uma escola que sobretudo proporciona programas educacionais apropriados às suas reais necessidades e capacidades e prevê apoio e assistência de que possam necessitar para o sucesso da aprendizagem. Uma escola em que todos pertencem, são aceitos e apoiados pelos colegas e pelos membros da comunidade escolar (SATAINBACK, S. STAINBACK, W., 1999)

O mérito da escola inclusiva não é apenas proporcionar educação de qualidade a todos. Sua criação constitui passo decisivo para a eliminação de atitudes discriminatórias e estigmatizantes que, alunos com deficiência visual: cegos ou com baixa visão, por exemplo, tem sido alvo. O que tem denotado o não reconhecimento de tais alunos enquanto cidadãos com direitos, conforme prevê a Constituição Federal Brasileira (1988), em seu Art. 5º: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: I - homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição”.

Artigo 24 - 1. Os Estados Partes reconhecem o direito das pessoas com deficiência à educação. Para efetivar esse direito sem discriminação e com base na igualdade de oportunidades, os Estados Partes assegurarão sistema educacional inclusivo em todos os níveis, bem como o aprendizado ao longo de toda a vida, com os seguintes objetivos:

- a) O pleno desenvolvimento do potencial humano e do senso de dignidade e autoestima, além do fortalecimento do respeito pelos direitos humanos, pelas liberdades fundamentais e pela diversidade humana;
- b) O máximo desenvolvimento possível da personalidade e dos talentos e da criatividade das pessoas com deficiência, assim como de suas habilidades físicas e intelectuais;

Compreendemos que uma escola inclusiva é aquela que educa todos os alunos em classes comuns, oferecendo oportunidades educacionais igualitárias e de qualidade a todos; onde as barreiras vivenciadas no dia a dia, nesse espaço, são superadas de maneira coerente num clima de colaboração, afeto e re-conhecimento (STAINBACK, S; STAINBACK, W 1999).

Feitas tais considerações, no Plano de Trabalho: “A tríade brincar, cantar, contar em salas de aula com crianças cegas”, vinculado ao Projeto de Pesquisa “Brincar, Cantar e Contar: por uma escola para e com tod@s!”, nos coube investigar, como aluna de Iniciação Científica - PIBIC/UFRN, investigar o que e como professores do ensino infantil, lotados nos Centros de Educação Infantil do município de Natal/RN, cantam, brincam e contam histórias aos seus alunos com e sem deficiência visual.

## 2. Metodologia

Aspirando alcançar o objetivo proposto em nosso Plano de Trabalho de Iniciação Científica, seguimos a orientação do Projeto, adotando a abordagem qualitativa, utilizando o método de Estudo de Caso. De acordo com (CHIZZOTTI, 2010), o foco da pesquisa qualitativa não está na representatividade numérica, mas, sim, no aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, por exemplo. O Estudo de Caso, por sua vez, “é o estudo de um caso, seja ele simples e específico, como o de uma professora competente de uma escola pública, ou complexo e abstrato, como o das classes de alfabetização (...)” (LÜDKE e ANDRÉ, 1994, p. 17).

Assim, nossa investigação contemplou quatro (04) Centros Municipais de Educação Infantil – CMEIs do município de Natal/RN, nos quais estão matriculadas quatro crianças com baixa visão e uma cega. De acordo com o projeto trabalharíamos apenas com crianças cegas, no entanto, apenas uma foi encontrada nos CMEIs da cidade, nos fazendo, portanto, trabalhar também com os professores dos primeiros alunos. Um fator que nos autoriza a fazê-lo é a consideração de que pessoas com baixa visão terem uma perda visual abaixo de 20% nos dois olhos – o que acarreta em grandes dificuldades na escola.

Em cada um dos CEMEIs, aplicamos a entrevista semiestruturada, orientada por um roteiro comum, com cinco (05) professoras que trabalham com os níveis I, II, III e IV da Educação Infantil. Para a obtenção dos dados seguimos o seguinte protocolo:

- a) Ida a Secretaria Municipal de Educação (SME) – Setor de Especial Especial - para o levantamento do número de CMEIs com matrícula de crianças com deficiência visual;
- b) Contato telefônico com gestores dos CMEIs selecionados e situados nas Zonas Sul, Leste, Oeste e Norte da cidade de Natal-RN, a fim de confirmar a matrícula do aluno e saber do horário em que estudavam.
- c) Visita as escolas selecionadas munidas de Carta de Apresentação, contendo a identificação do projeto, da professora responsável e da bolsista em questão; Esclarecimento de dúvidas

levantadas pelos coordenadores e/ou professores da Sala de aula comum consultados a fazerem parte da pesquisa.

- d) Ligação telefônica para marcação do das entrevistas
- e) Aplicação das entrevistas
- f) Transcrição, leitura, interpretação e análise dos dados com base nos princípios da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2009), fundamentados nas ideias de autores como Sisto (2014), Silva (2014; 2017); Stainback, S. e Stainback, W. ( 1999 ) entre outros.

### **3. Resultados e Discussões**

De acordo com Silva (2016, p.93) ainda são muitos os desafios a serem enfrentados na realidade da educação brasileira: [...] “da ordem política: *a luta pela minimização do ceticismo* ainda presente em muitos dirigentes políticos e educadores, em torno de um projeto de Educação para Todos e pela efetivação das políticas já existentes” e os desafios da ordem metodológica, conceituais e atitudinais, que atravancam o processo de efetivação de escolas acolhedoras, portanto, inclusivas (SILVA, 2016)

Tais desafios metodológicos se fizeram notar em nossas andanças nos CMEIs da rede municipal de ensino, colaboradores da pesquisa, quando se refere ao ensino, a relação, participação de crianças com deficiência visual em diferentes práticas educativas, entre elas naquelas que dizem respeito ao brincar, ao cantar e ao contar.

Talvez por falha na formação inicial, falta à compreensão em muitos educadores das instituições de ensino, em geral, de que essas práticas são necessárias para que a criança cega ou com baixa visão ponham seus corpos em movimento, na interação com seus pares sem problemas visuais, por meio de ricas expressões do brincar, do cantar e do contar histórias próprias do universo infantil (SILVA, 2017).

A deficiência visual, para fins educacionais, é qualquer problema ocasionado na acuidade visual - capacidade do olho para perceber objetos e no campo visual - espaço visível com o olhar fico em um ponto. Há duas formas de classificação da perda de visão: a) cegueira – perda completa do sentido da visão e b) baixa visão – perda significativa da visão, ou seja, em torno de 20% em ambos os olhos.

Quando iniciamos o levantamento do número de CMEIs com matrícula de alunos com deficiência visual na rede municipal de ensino de Natal/RN, contatamos que havia oito (08), distribuídos nas Zonas Sul, Leste, Oeste e Norte da cidade, conforme Quadro 01. Desses, selecionamos quatro (04) onde estavam matriculados um (01) aluno cego e quatro (04) com baixa

visão, totalizando uma matrícula geral de sete (05) alunos. A escolha se deu devido à disponibilidade das professoras em participarem da pesquisa. Contamos com a participação de cinco (05) professoras (QUADRO 1), com faixa etária entre 31 e 52 anos, de 1 mês e 20 dias a 8 anos de atuação nos CMEIs. Quatro (04) com formação inicial em Pedagogia e, uma (01) graduada em Letras/Português com especialização em Educação Infantil e mestrado em Literatura.

QUADRO 01 – Participantes da pesquisa (Ano 2017.1)

Nº	CMEI PARTICIPANTES DA PESQUISA	LOCALIZAÇÃO DO CMEI	Nº DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL		Nº DE PROFESSORES ENTREVISTADOS
			BAIXA VISÃO	CEGUEIRA	
01	CMEI Prof. <sup>a</sup> Stella Lopes	Bairro Lagoa Azul, Zona Norte.	1	0	01
02	CMEI Profa. Maria Lucila*	Bairro Lagoa Azul, Zona Norte.	1	0	02
03	CMEI Profa. Galdina Barbosa Silveira	Bairro Mãe Luiza, Zona Leste.	2	0	01
04	CMEI Pe. Sabino Gentile	Bairro do Pajuçara, Zona Norte.	0	1	01

\*Duas professoras foram entrevistadas (E1a – Lucila; E1b – Lucila) em razão de a segunda estar com a turma há apenas três dias.

Fonte: Dados das Entrevistas com professoras da Educação Infantil. Natal/RN, 2017.

A partir da leitura dos dados das entrevistas, registramos que as professoras ressaltam a importância da tríade brincar, cantar e contar como um direito; por serem imprescindíveis ao desenvolvimento integral da criança, à aprendizagem, à constituição da identidade, da autonomia, da compreensão de regras, de limites e de mundo.

Quando questionadas sobre esse processo aplicado às crianças que apresentam deficiência visual - cegueira ou baixa visão, três (03) professoras não souberam ou não quiseram responder, e três (02) afirmaram que é “[...] primordial, pois todas as atividades lúdicas são atrativas e proporciona o desenvolvimento integral das nossas crianças” (E2a – Profa. Lucila); por possibilitar a promoção da “interação e socialização nos aspectos sócio-afetivos” (E2b – Profa. Lucila) e, também, para desenvolver a “memória auditiva e a afetividade” (E4 – Profa. Gentile).

Notamos que embora as professoras tenham afirmado o direito das crianças com deficiência visual aos espaços do brincar, cantar e contar, sobretudo a sua importância no desenvolvimento integral das crianças sem e com deficiência visual, e afirmem a relevância para essas últimas, principalmente nos aspectos relativos à “interação, socialização, memória auditiva e afetividade”, quando indagadas sobre qual periodicidade e do que costumam **brincar** com as crianças da sala, e

se fazem algum tipo de adaptação para as crianças com deficiência visual, afirmam brincar todos os dias, em espaços variados da escola. Costuma-se brincar de: *roda de conversa através da música, de estátua, de corre cotia<sup>1</sup>; de faz de conta, circuitos de motricidade, corrida, roda, pular corda, pega-pega, esconde-esconde, brinquedos cantados* e do parquinho e, também, “*de brincadeiras da livre escolha da criança*” ressalta E2a – Profa. Lucila.

Afirmaram que não fazem nenhuma adequação nas brincadeiras e poucas adaptações no espaço, tais como as referidas pelas professoras E1, E2a e E2b: “*retirada de obstáculos para ampliar o espaço; jogos considerando tamanho e cores*”. As demais professoras dizem não fazer nenhum tipo de adaptação uma vez que as crianças com baixa visão participam da mesma forma que as demais, não apresentando dificuldades.

Fato que merece atenção, visto que crianças com baixa visão perderem na qualidade de percepção de contrastes e detalhes, apreciam mal as distâncias e o relevo, podem captar a presença de objetos, mas não serem capazes de identificar os seus pormenores, além de verem as cores bastante atenuadas (SILVA, 2017)

Chamamos a atenção para o caso da professora E4 - Sabina, que explicita sobre a dependência e dificuldade de interação da criança com cegueira e da relação familiar com a mesma. Segundo a professora, a criança foi criada isolada dos demais irmãos orientados pelos pais a se manterem distantes dela para não machucá-la. Também relata do comportamento atípico da mesma: “[...] *ele não permite que o toque, nem que as crianças peguem na mão dele, ele só aceita auxílio de adultos, quando ele percebe que é uma criança, ele não aceita, ele grita, ele chora e inclusive até mordeu um colega que tentou segurar a sua mão [...]*”. Diz, ainda, que por essas razões “*ele não participa desses momentos de brincadeiras*” (E4- Profa. Gentile).

No caso acima relatado infere-se que a criança pode estar inserida nos casos de crianças com deficiência múltipla a qual deve ser caracterizada pelo nível de desenvolvimento, das possibilidades funcionais, de comunicação, interação social e de aprendizagem que determinarão as suas necessidades educacionais especiais (BRASIL, 2002). No relato da professora há a preocupação pertinente em estimular a interação da criança com as demais crianças, mas afirma “*não ter uma adaptação, a gente oferece o que a escola já tem*” (E4- Profa. Gentile), como o parquinho, o escorrego, a caixa de areia.

---

<sup>1</sup>O objetivo dessa brincadeira é estimular a agilidade da criança. Logo, a criança que estiver em pé fora da roda e com um lenço em uma das mãos deve correr em círculo. As crianças que estiverem sentadas na roda ao perceberem que o lenço está atrás delas deve ser ágil para correr e pegar o lenço.

Possivelmente, o olhar cuidadoso com a adaptação dos recursos materiais como jogos e brinquedos, considerando tamanho, textura e a percepção tátil-cinestésica, além da orientação e mobilidade facilitariam a participação dessa criança nos momentos do brincar promovendo, assim, a sua interação (SILVA, 2014; 2017)

No tocante ao **cantar**, quatro (04) professoras disseram que o fazem todos os dias e 01, três vezes por semana. As músicas mais cantadas são do cancionero infantil (de roda, acumulativas e seqüenciadas) e do cancionero popular. A E2a – Profa. Lucila diz: “*apreciamos outros ritmos como o clássico, frevo para que eles conheçam*”. Os momentos do cantar se resumem ao horário do acolhimento das crianças na sala de aula, com todas sentadas em círculo. As cantigas são ensinadas e cantadas acompanhadas pelos movimentos gestuais e corporais. As crianças com baixa visão e a criança cega, segundo as professoras, participam “*ativamente*” e com “*entusiasmo*” desses momentos. E4- Profa. Gentille, salienta que seu aluno cego gosta tanto de cantar que já chega na sala de aula “*cantando uma música do bom dia ou do sapo que ele gosta bastante*”. Salienta que,

“em virtude da deficiência visual de [...] ele acabou desenvolvendo muito a audição, então nos momentos de rodinha em que a gente canta e que as crianças gritam, ele se perturba, ele tapa o ouvido, ele não participa. Mas em momentos de mais calma, assim, ele reproduz todas as músicas [...] ele não faz gestos porque ele não consegue visualizar. A gente trabalha essa questão do visual pegando na mão dele fazendo gestos, mas ele não acompanha porque falta mesmo o estímulo visual” (E4 – Profa. Gentille)

Sem dúvidas a música encanta a todos nós; por meio dela somos levados a sentir múltiplas emoções, a sentimentos de acolhimento, de entrega, de boas e más lembranças. Oportunizar didaticamente momentos do cantar com os pequenos na escola, além de provocar tais emoções e sentimentos promove-se também, “o desenvolvimento da memória, a discriminação auditiva, a imitação e o desenvolvimento vocal” (ANDRADE e PLAZA apud SILVA, 2017). Aspectos que toda criança, com e sem deficiência, alcançam sem problemas.

A respeito do momento do **contar histórias** para as crianças, todas as professoras entrevistadas afirmaram que sim, costumam contar “*duas vezes por semana*” (E3 – Profa. Galdina) e “*todos os dias*”, as demais professoras. Os momentos dedicados a contação de história são “*após o almoço*” (E3 – Profa. Galdina) e outros horários utilizados como rotina para esse tipo de evento, afirmaram as demais professoras. Além da rotina diária de contação de histórias há, duas vezes por semana “*o cantinho da leitura, onde eles ouvem uma história e depois selecionam livros para degustar e contar para seus colegas*” salientou E1- Profa. Stella.

Os espaços para contação de histórias variam: Rancho Literário<sup>2</sup>, Sala de Aula, Refeitório, Sala de Leitura.

As crianças com baixa visão, segundo suas professoras, participam dos momentos de contação de histórias com *entusiasmo*, *atentas* em ouvir e *sentados ao lado das professoras*, uma vez que “*precisam aproximar bastante o livro perto dos olhos para poder observar as imagens*” (E2a – Profa. Lucila e E3 – Profa. Galdina). A fala das professoras ratificam a expressão de Cuckoo, 2013, p. 2), quando afirma que contar histórias “[...] é oferecer um momento especial de partilha e de afecto aos mais pequeninos, e estes momentos são determinantes para um desenvolvimento harmonioso” (CUCKOO, 2013, p. 2).

Quanto à criança cega, a professora afirmou que “*ela não participa muito desses momentos porque o livro na educação infantil ainda é muito visual*”. E complementa: “*Mas também ele não gostava de manusear os livros, nem nada. Agora ele se interessa um pouquinho, porque eu trago um livro “O menino que via com as mãos”, que ele já vem em braille, então ele gosta de estar sentindo, os pontinhos, o braille [...]*” (E4 – Profa. Gentile)

Como vemos as crianças com baixa visão e cegas gostam de ouvir histórias. Isto porque, compreendemos que por meio das histórias as crianças ampliam seu repertório linguístico, se apropriam de sua cultura e da cultura de outros povos, adentram no mundo da fantasia e da realidade complexa.

Por tudo isso, podemos dizer em conformidade com Sisto (2014, p. 3) que “as crianças que têm contato com as histórias desenvolvem mais a imaginação, a criatividade e a capacidade de discernimento e crítica; na medida em que se tornam ouvintes e leitores críticos, as crianças assumem o protagonismo de suas próprias vidas”.

As estratégias e recursos utilizados para a contação de história pelas professoras entrevistadas foram assim indicados:

- a) **Recursos:** fantoches; personagens colados, dedoches, avental, livros em braille e comuns.
- b) **Estratégias:** “*Seleciono algumas histórias; converso com as crianças; começo a ler utilizando a capa, autor, ilustração para começar a leitura do livro*” (E2b – Profa. Lucila); “*Antes de iniciar a contação cantamos uma música para que as crianças fiquem mais atentas, quando terminamos deixo eles explorarem os livros*” (E3 – Profa. Galdina); “*A gente muda a voz*” (E4 – Profa. Galdina).

---

<sup>2</sup> “Rancho Literário” é um espaço específico para a contação de histórias, geralmente em área externa da escola.

É importante que durante a contação de histórias na presença de crianças cegas e com baixa visão o(a) professor (a) se atente para as estratégias e recursos utilizados para uma maior compreensão do que está sendo lido (o enredo da história), pouco ou não visto (imagens) por essas crianças. Para ampliar as estratégias citadas pelas professoras, acrescentamos recomendações de Cuckoo (2013): usar e abusar de diferentes tons e intensidade da voz, movimentos do corpo, expressões faciais para criar personagens e ou retratar etapas da história; ilustrações com relevo dos personagens principais ou das cenas ou objetos referidos na história.

Tais estratégias e recursos utilizados pelas professoras e os recomendados pelo autor dão mais sentido e significado à história, além de permitir que as crianças, em especial àquelas que têm baixa visão e/ou cegueira, desfrutem de forma mais plena e completa dos momentos de contação de história por elas tão apreciados.

### **Conclusões**

Ao final, podemos concluir que essa pesquisa provocou em nós a necessidade de aprofundamento e de capacitação nas práticas inclusivas do brincar, cantar e contar, assim como a percepção da importância do oferecimento de cursos em nível de extensão para que as professoras entrevistadas e demais professoras de Educação Infantil possam participar e aprimorar as suas práticas lúdicas frente a crianças cegas e com baixa visão.

Além disso, pudemos constatar que essa pesquisa proporcionou uma grande contribuição para o nosso crescimento acadêmico, a nossa prática pedagógica e pessoal, tendo em vista o aprofundamento e vivência de como se pode efetivar não apenas à inclusão de alunos cegos e com baixa visão nos espaços do brincar, cantar e contar, mas uma educação geral de qualidade e igualitária, levando em consideração as necessidades específicas de todos, apresentando deficiência ou não.

### **Referências**

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BRASIL. Decreto nº 6.949/ 25 de agosto de 2009 - **Da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm) Acesso em: 10/09/2017.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos

1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008. – Brasília : Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br>> Acesso em: 10/09/2017.

BRASIL. Ministério da Educação e da Cultura. **Estratégias e orientações pedagógicas para a educação de crianças com necessidades educacionais especiais: dificuldades acentuadas de aprendizagem: deficiência múltipla.** Secretaria de Educação Especial – Brasília: MEC/SEESP – 2002.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais.** 11ª Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

CUCKOO. (2013). **História para todos:** algumas orientações. Disponível em: <[http://www.deficienciavisual.pt/txt-historias\\_para\\_todos.htm](http://www.deficienciavisual.pt/txt-historias_para_todos.htm)> Acesso em: 10/9/2017.

Entrevista 1 – Profa. Stella. Natal,RN 14/03/2017.

Entrevista 2a – Profa. Lucila. Natal,RN 11/04/2017.

Entrevista 2b – Profa. Lucila. Natal,RN 11/04/2017

Entrevista 3 – Profa. Galdina. Natal,RN 23/03/2017

Entrevista 4 – Profa. Gentile. Natal,RN 08/03/2017

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. – São Paulo: EPU, 1986.

SISTO, Celso. **A arte de contar histórias e sua importância no desenvolvimento infantil.** Disponível em: <<http://www.artistasgauchos.com.br/celso/ensaios/artecontarhist.pdf>> Acesso em: 16 de dezembro de 2014.

SILVA, Luzia Guacira dos Santos. **Cartas Pedagógicas -** Processos de ensinar a quem enxerga sem o sentido da visão. São Paulo: Paulinas, 2017.

SILVA, Luzia Guacira dos Santos. Formação Continuada em Educação Inclusiva para professores do Ensino Fundamental: desafios e possibilidades. In: MENDES, Enicéia Gonçalves. ALMEIDA, Maria Amélia (Orgs.). **Inclusão escolar e educação especial no Brasil:** entre o instituído e o instituinte. Marília, SP: ABPEE, 2016.

SILVA, Luzia Guacira dos Santos. **Educação Inclusiva:** práticas pedagógicas para uma escola sem exclusões. 1.ed.São Paulo: Paulinas, 2014.

STAINBACK, Susan; STAINBACK, Willian. **Inclusão:** um guia para educadores. Trad. Magda França Lopes. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.